

**CRISTO...  
CONTA  
COMIGO  
AGORA!**

**O MINISTÉRIO** adventista



1973

ANO DA  
JUVENTUDE

# Formidável

# Como um

# Exército com Bandeiras

De Coração a Coração

*ESPERÁVAMOS ansiosos a chegada da data marcada. A expectativa era tremenda. Meses de planificação e de uma decidida campanha de promoção e inspiração chegavam a sua culminância. O material havia sido preparado com antecipação. Dera-se toda instrução para alcançar um êxito completo. Milhares de orações haviam-se elevado ao trono de Deus. Agora restava a parte vital: lançar a campanha e trabalhar arduamente para que seus resultados fossem grandes. E o dia chegou.*

*Trata-se da primeira grande campanha de evangelização coordenada do Ano da Juventude; a Semana Santa. A experiência de anos anteriores havia ensinado lições valiosíssimas. Sobre tudo estávamos seguros de que havia poucas datas tão propícias para lançar-se uma campanha como esta.*

*No momento em que escrevemos este comentário estamos chegando ao escritório logo após participar da campanha na União Sul-Brasileira. Durante três semanas percorremos cidades, visitamos igrejas e conversamos com grande número de pregadores e leigos a fim de fazer arranjos finais. O trabalho dos secretários ministeriais da União e dos campos locais foi excepcional.*

*Ontem, poucas horas depois da última reunião da semana, fizemos entrevista com vários pastores e leigos que estavam vibrando com o que se alcançou. Foi enorme o impacto que nos causaram aqueles rostos felizes. "Tivemos vinte e cinco centros de pregação em nosso distrito," nos dizia entusiasmado um pastor. "Todos os adventistas tiveram que ficar fora a fim de dar lugar às visitas," comentava um jovem leigo que levou a cabo uma campanha no salão de atividades de uma escola. "Tivemos um só problema," dizia um terceiro. "Temíamos que o salão desmoronasse em virtude da quantidade enorme de pessoas presentes; o edifício começou a dar indícios ameaçadores." A esposa do diretor MV de uma associação nos contava eufórica a respeito da experiência vivida, e que duas semanas antes de ser iniciada a campanha ela ainda não se havia decidido*

## O MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Sta. André, São Paulo.

DIRETOR — RUBÊN PEREYRA, GERENTE GERAL — BERNARDO E. SCHÖNEMANN; REDATOR — CARLOS A. TREZZA; COLABORADORES — R. A. WILCOX, ENOQUE DE OLIVEIRA; DEPTO. DE ARTE — HENRIQUE CARLOS KAERCHER.

Assinatura Anual ..... US\$ 3,00  
Número Avulso ..... US\$ 0,50

Ano 39 ..... Setembro-Outubro, 1973 ..... N.º 5

### NESTE NÚMERO

#### DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 Formidável como um Exército com Bandeiras

4 Crise da Educação Cristã na Divisão Sul-Americana

7 Perscrutação

8 Rumo à Perfeição

12 e 13 Como Você Trata o Seu Presidente?

14 O Diretor Faz Dez Perguntas a Eneas Simon

17 A Missão da Igreja

23 Perguntas Sobre Doutrina

participar. Sentiu, contudo, o chamado para fazê-lo. Animou um grupo de moços e moças para que juntos formassem uma equipe. Assim fizeram; conseguiram um salão e se organizaram devidamente: uns preparariam a propaganda, outros a música, e um terceiro grupo a pregação, projeção e diapositivos etc. Ao finalizar a etapa intensa da campanha, havia verdadeiro entusiasmo no grupo, porque os resultados haviam sido inspiradores. Verdadeiramente a alegria de semear e colher na causa do Senhor supera qualquer outra satisfação.

Não foi esta experiência coisa exclusiva da união a que nos temos referido. Notícias que chegam de todas as partes nos falam de entusiasmo e fervor semelhantes, e com os mesmos resultados em todo o território da Divisão.

Vale a pena deter-se para analisar as múltiplas bênçãos recebidas pelos que participaram — a igreja como um todo — e pelos que assistiram aos programas.

1. Os que participaram tiveram sua experiência espiritual fortalecida e aprofundada, ao preparar-se espiritual e intelectualmente para as reuniões. O trabalho por outros fortalece a quem o realiza, pois “crescem enquanto procuram ajudar a outros.” — *Serviço Cristão*, pág. 269. “Identificam-se mais e mais com Cristo em todos os planos. Não há lugar para a estagnação espiritual.” — *Idem*, pág. 332. “Cada raio de luz que lançamos sobre outros se refletirá em nossos corações.” — *Idem*, pág. 270. Fala-se até em revitalização física: “O prazer de fazer o bem a outros comunica um ardor aos sentimentos que eletriliza os nervos, vivifica a circulação do sangue e estimula a saúde física e mental.” — *Idem*, pág. 271.

2. A igreja sacode sua modorra quando há um plano que representa desafio, e quando é acompanhado da correspondente inspiração. A igreja inteira é sacudida: a tesouraria é franqueada porque há gastos; o coral, ao ensaiar e preparar-se para o programa, se reanima; e para que o local esteja em condições revisam-se todas as partes do equipamento de amplificação e cuida-se da apresentação geral do templo: o Departamento de Atividades Leigas mobiliza-se, organizando a campanha, e logo, jovens, adultos e crianças lançam-se à execução do plano. Quando há um terremoto à meia-noite, só os anormais ficam na cama. ... Quando um terremoto espiritual positivo sacode a igreja, todos se agitam e despertam. Numa igreja que visitamos nos dias anteriores à campanha, 22 projetores haviam sido “ressuscitados,” alguns desgastados pelo uso, outros já ocupando lugar não muito honroso junto a objetos imprestáveis. Os 22 foram reconicionados e voltaram à ação. Mas não foram só os projetores que voltaram à ação, mas também muitos talentos escondidos ou desconhecidos foram despertados. O benefício que essa ressurreição pode trazer é incalculável.

3. Logicamente a bênção suprema está representada pelas dezenas, centenas e milhares de almas que poderão ser ganhas através da pregação cristocêntrica da semana e sua posterior prossegução. Calculamos em cerca de 8.000 os centros de pregações que foram levantados. Não é possível saber quantos assistiram, já que houve

congregações de milhares de um punhado de pessoas. Entretanto o impacto espiritual foi notável. Se o trabalho for continuado com consciência e dedicação, veremos uma colheita assombrosa.

E agora, em parágrafo à parte, queremos transmitir a alegria que experimentamos ao ver a participação de obreiros que jamais em sua vida haviam ocupado o púlpito, e que agora demonstram sua felicidade por tão bendita experiência: presidentes, tesoureiros chefes de indústrias, professores, departamentais, secretárias, funcionários de escritórios, estudantes de teologia etc., alguns preparando suas primeiras armas em evangelismo e outros desenvolvendo talentos abandonados. Na Divisão Sul-Americana apenas 12,6% dos obreiros se empenham em obra pastoral ou evangélica direta. Que acontecerá quando os restantes 87,4% assumirem também uma responsabilidade direta na evangelização do mundo? Já falamos disto nestas mesmas colunas faz pouco tempo. Insistimos, porém, porque cremos que é este o segredo dos “milhares convertidos num dia.” Enquanto persistem em trabalhar unidos, os mensageiros celestiais irão adiante deles abrindo o caminho, os corações serão preparados para a recepção da verdade, e muitos serão ganhos para Cristo. Enquanto permanecerem unidos a igreja avançará “formosa como a Lua, brilhante como o Sol, formidável como um exército com bandeiras.” (*Ver Atos dos Apóstolos*, pág. 91.)

Ordem e união pareceriam ser as expressões-chave nesta passagem, da qual depende o êxito da igreja. Ordem na programação e união no procedimento e ação. Unidade na programação e ordem na ação.

O povo de Deus na América do Sul terá de enfrentar sérios obstáculos nos meses e anos futuros. Tais obstáculos aparecerão interna e externamente. Os externos são fruto da oposição decidida dos inimigos que, em cumprimento das profecias, pretenderão trancar a marcha da Causa. Serão muito duros, e somente poderão ser vencidos com o Espírito Santo que — segundo está prometido — cairá sem medida sobre a igreja precisamente nesse tempo.

Sem dúvida alguma os mais duros escolhos serão os internos. Os problemas próprios de uma igreja que cresce e adquire notoriedade e importância. Estará em perigo de perder de vista a razão de sua existência, e ao perdê-lo poderá dar especial ênfase a coisas materiais, a edifícios de concreto sem base espiritual. Possivelmente este fenômeno já está presente e tende a agigantar-se cada dia. Pode transformar-se em rémora que ameaça levar ao fundo aqueles em quem se adepem.

Vemos com preocupação os temários de algumas Comissões tanto de igrejas locais como de organizações de outros níveis. Às vezes parecem agendas de alguma organização comercial ou industrial! Só há ali orçamentos, aquisições, ampliações, ao passo que poucos itens são no sentido de alcançar alvos mais elevados de almas. Ao se apresentarem planos missionários perante certas Mesas é possível ver-se esboçar algum sorriso incrédulo ou até zombarias. Os relatórios das comis-

(Continua na pág. 6)

---

# Crise da Educação Cristã na DSA

Werner Vyhmeister

Diretor do Depto. de Educação da Divisão  
Sul-Americana

(Conclusão)

---

COMO podemos fazer frente a nosso sério problema educacional? Não há soluções rápidas nem fáceis. Mas, se ainda cremos em nossa filosofia educacional, alguma coisa devemos fazer.

Temos diante de Deus a solene e sagrada obrigação de criar nossos filhos, não para o mundo, nem para pôr suas mãos nas mãos do mundo, mas para amar e temer a Deus e guardar os Seus mandamentos. Devemos instruí-los para que trabalhem inteligentemente como o fez Cristo, para que exibam um caráter cristão nobre e elevado ante aqueles com quem entrem em contato. Para isto foram nossas escolas estabelecidas, de modo que jovens e crianças possam ser educados para exercer influência em favor de Deus no mundo. (Ver *Fundamentals of Christian Education*, pág. 289.)

“Um dos objetivos importantes ao estabelecer-se o colégio (de Battle Creek) foi o de separar nossos jovens do espírito e da influência do mundo, de seus costumes, sua insensatez e idolatria. O colégio devia levantar uma barreira contra a imoralidade de nossa época, que torna o mundo tão corrupto como nos dias de Noé.” — *Testimonies*, Vol. 5, págs. 59 e 60.

Ao percorrer a lista de pastores, professores, médicos e outros missionários de nossa Divisão, observamos que um elevado número é de adventistas de segunda ou terceira geração. Destes, a grande maioria passou por nossos colégios; neles receberam o “molde denominacional” que os está capacitando para ser os líderes de hoje. E muitos dos que, havendo ido a nossos colégios, não ingressaram na obra de Deus, são hoje dirigentes leigos em nossas igrejas. Que garantia tem a obra de poder conseguir no futuro um grupo necessariamente crescente de missionários e de leigos com total espírito denominacional para atender às necessidades de

uma igreja em rápida expansão, quando a porcentagem de seus jovens e crianças que assistem às instituições educacionais vai diminuindo aceleradamente? E que diremos de nossa responsabilidade pela salvação eterna de jovens e crianças a quem *não estamos dando hoje a oportunidade* de obter educação cristã? (Ninguém conhece a verdadeira dimensão da apatia juvenil em nossas igrejas.) Esta é uma responsabilidade que, inevitavelmente, tem de ser partilhada por todos os missionários na Divisão Sul-Americana.

O ritmo acelerado de crescimento de nosso número de membros contrasta violentamente com o estancamento e o retrocesso de nossa ação educativa. É óbvio que *nosso crescimento não tem sido equilibrado*. A instrução definida da pena inspirada, é:

“Conquanto devamos fazer sérios esforços em favor das massas que nos rodeiam, e impulsionar a obra em campos estrangeiros, *nenhuma quantidade de trabalho pode desculpar-nos por descuidar da educação de nossos meninos e jovens.*” (Grifos supridos.) — *La Educación Cristiana*, pág. 129.

“Os obreiros que começaram um trabalho em território novo... não só deviam levantar uma modesta casa de culto, mas também fazer arranjos para o estabelecimento permanente de uma escola paroquial... *As aulas são tão necessárias como o edifício da igreja.*” (Grifos supridos.) — *Testimonies*, Vol. 6, págs. 108 e 109.

Estamos ante um problema sério, cuja responsabilidade, com espírito amplo e generoso, todos devíamos estar dispostos a partilhar. Alguns têm trabalhado mais, outros menos, em favor da educação cristã. Todos, porém, conhecemos agora o problema e podemos ajudar a resolvê-lo. Se aceitamos plenamente o desafio

de nossa filosofia de educação assim como exposta, há algumas coisas que podemos e devemos fazer:

a. *Conscientizar em favor da educação cristã.* Apenas uma pequena porcentagem de nossos irmãos, e nem todos os pastores, líderes e outros, conhecem bem o espírito da educação cristã e o apóiam de todo o coração. A grande maioria tem uma idéia muito geral e vaga de nosso sistema e de nossa filosofia educacional. Normalmente ninguém apóia o que não entende. Necessitamos da colaboração de *todos* os líderes, de *todos* os pastores, de *todos* os professores, de *todos* os missionários da Divisão Sul-Americana, a fim de realizar uma campanha sustentada pela pena e a voz, em cada união, associação e igreja, para dar a conhecer nossa filosofia educacional e estimular nossos irmãos a aceitá-la e praticá-la. Este processo de conscientização levará alguns anos, se realizado de forma persistente. Mas se queremos recuperar o terreno perdido nos últimos lustros, e avançar logo com um programa educacional agressivo, a conscientização dos leigos e missionários é a primeira tarefa a ser empreendida de modo maciço. Consta-nos que por décadas esta tem sido realizada com dedicação e entusiasmo pelos líderes do Departamento de Educação nos diferentes níveis, e também por outros. Se houve alguém que se esforçou nessa linha foi o Dr. Alcides J. Alva. Mas, a menos que *todos* os missionários nos convençamos da importância da educação cristã em primeiro lugar, e empreendamos logo uma cruzada continental, maciça, em favor da mesma, a situação não poderá ser melhorada. É problema de convicção, de conscientização.

Conquanto imprescindível a colaboração de todos e a utilização de variados meios, devemos reconhecer que é ao nível da igreja local que se alcançam os melhores resultados. É necessário pregar sobre a educação cristã (e não só uma vez ao ano). É preciso que se discuta o tema em reuniões de jovens; que seja analisado em reuniões de pais. Mas, como o descobriram muitos pastores conscientizados plenamente, os resultados mais concretos se conseguem quando o pastor (ou leigos devidamente qualificados) visita a cada família com filhos em idade escolar, ajudando-os a resolver os problemas e a eliminar os preconceitos que estarão privando dos benefícios da "verdadeira educação cristã" a esses meninos e jovens.

b. *Destacar, em nossas escolas e colégios, nossos traços distintivos.* A conscientização será mais fácil se nossas escolas e colégios que já funcionam, aplicarem de maneira integral nossa

filosofia educacional. Não temos escolas e colégios para competir com outros sistemas educacionais (estatais ou particulares). Nós os temos porque cremos que nossos filhos necessitam de uma educação *diferente*. Nossos irmãos não têm percebido sempre essa diferença. Nossas instituições educacionais devem fazer da Bíblia a matéria mais importante; devem ter professores que sejam cristãos inatacáveis; devem oferecer um ambiente moral que seja uma total garantia a nossos filhos; a atrever-se a aplicar com bondade e firmeza nossas normas, embora isso leve a perda ocasional de algum aluno; devem fazer de seus alunos o objetivo final de seus esforços. Em suma, devem lembrar — não importa quanta pressão sofram — que a obra da educação e a obra de redenção são uma só. Se nossas instituições se atreverem a ser diferentes, os irmãos o notarão e estarão dispostos a fazer sacrifícios para nelas educar seus filhos.

c. *Planificar nosso sistema educacional.* Por décadas — talvez de seus próprios começos na América do Sul — a educação adventista tem crescido sem uma planificação adequada. Não podemos deixar por mais tempo um assunto tão importante inteiramente à iniciativa de cada igreja local. Cada associação e missão deve estudar, com os dados do censo em mãos, a futura localização de suas escolas primárias (básicas, fundamentais) e em seguida preparar o ambiente em cada igreja, de modo que o plano possa concretizar-se nos prazos previstos. O futuro de nossa educação secundária (média) e superior deve ser igualmente planificado com muito cuidado.

d. *Oferecer soluções financeiras realistas.* A conscientização progressiva de nossos irmãos fará que estejam melhor dispostos a fazer sacrifícios para enviar seus filhos a nossas instituições. Mas os sacrifícios dos irmãos, naturalmente, têm um limite. Há também, comunidades de irmãos de recursos muito escassos, que não poderão manter sozinhos — malgrado o seu espírito de sacrifício — a escola da igreja que seus filhos necessitam. Ademais, a maioria dos pais com filhos em idade de ir a nossos internatos, não conta com os meios necessários para financiar a educação destes.

Entre os elementos que podem ser considerados ao buscarem-se soluções financeiras, estão os seguintes:

1) Aplicar de maneira integral, e em cada igreja e grupo, o Plano de Mordomia. Com a orientação do campo local, cada igreja e grupo devia separar, para fins educativos, uma porcentagem generosa do dinheiro que entra por

"pactos." Este dinheiro se destinaria à escola local e também a ajudar a jovens, moços e moças, de recursos escassos e que gostariam de ir para nossos colégios internos.

2) Cada campo local necessitará estabelecer um sistema que permita ajudar as igrejas menores ou mais pobres a equilibrar o seu orçamento escolar. Isto pode ser alcançado, em parte pelo menos, mediante a arrecadação pelo campo de uma certa porcentagem em dinheiro do "pacto" que entra em todas as igrejas. Por outro lado, cada campo devia pensar em ter uma porcentagem *estável* de seu orçamento dedicada à educação, que permite atender não só às emergências, mas a um *plano de desenvolvimento equilibrado*.

3) As indústrias de nossos colégios com internato devem ser ampliadas, para dar trabalho a maior número de alunos. A recentemente criada Companhia de Alimentos, da Divisão, tem como parte de seu programa o plano de estabelecer fábricas de alimentos junto aos colégios que o desejarem, na medida das possibilidades de expansão da Companhia. Em 1973 espera iniciar duas novas fábricas. Mas pode também explorar a possibilidade de que irmãos leigos instalem indústrias junto de nossos colégios para dar trabalho a alunos, como já ocorre em outros continentes.

4) A colportagem deve ser revitalizada, tanto nas férias como durante o ano escolar. Uns poucos colégios estão explorando já a idéia de que certos alunos colportem todas as tardes, ou certas tardes da semana, em povoações vizinhas, em pleno ano escolar. O plano tem sido praticado na Europa durante anos, pelo menos em um colégio nosso.

e. *Dar o exemplo com nossos filhos.* Pode parecer redundante, mas não é. Reconhecemos que toda regra tem sua exceção. Há circunstâncias, geralmente muito transitórias, que nos pode obrigar a enviar nossos filhos a colégios ou escolas não adventistas. Mas, se realmente cremos no que pregamos, o provaremos com nosso exemplo, ainda que nos custe sacrifício. Se pedimos que os irmãos leigos façam sacrifícios, não têm eles o direito de esperar o mesmo de nós?

Eis aqui um simples esboço, um plano que nos pode ajudar a enfrentar a crise educacional em que estamos na Divisão Sul-Americana. Cada um de nós pode imaginar elementos adicionais. Se realmente cremos que "as aulas são tão necessárias como o edifício da igreja" (texto já citado), faremos alguma coisa nesse sentido.

Não temos citras definitivas ainda, mas entendemos que entre 80 e 90% de nossos meninos e jovens não estão estudando em instituições adventistas. Quando visitamos igrejas depois de alguns anos de ausência, nos entristecemos ao saber que tantos pequenos, aparentemente promissores, têm deixado nossas fileiras. Mas isto não nos surpreende quando nos recordamos de que esses jovens estudaram por anos em escolas e colégios não adventistas, onde foram submetidos cada dia ao bombardeio de idéias estranhas e a companhias nem sempre cristãs. Não é o momento de fazermos algo mais para salvar a nossas crianças e jovens? Esse "algo mais" é hoje o *esforço adicional* que Deus nos pede, para que lhes demos a oportunidade de adquirir uma educação cristã. ●

## Formidável Como um . . .

(Continuação da pág. 3)

sões de planos geralmente são aprovados em conjunto, pois não interessam de modo especial. Os informes dos evangelistas são geralmente considerados "inflacionários."

Graças a Deus que há outras comissões ou Mesas que vibram com um plano de evangelização; são os que dizem "amém" quando se apresentam relatórios de alguma vitória alcançada para o Senhor; os que administram bem a propriedade do Senhor — a igreja — e têm ainda a primordial preocupação de terminar a obra de pregação.

"Estamos aqui para mudar a história e as estatísticas da igreja," dizia um evangelista aos que se encontravam presentes num concílio em que se dava ênfase à necessidade de uma ação coordenada. Essa mudança da história tem que vir com o rumo que imprimimos a nossa atividade e ao alvo que nos propomos alcançar. A mudança das estatísticas virá como resultado. Não nos interessará tanto a semente semeada, nem os hectares arados, mas a colheita final que virá encher os celeiros do Senhor. Em outras palavras, as almas que graças à pregação da mensagem ingressaram nas fileiras do povo remanescente.

"Quem é esta que aparece como a alva do dia, formosa como a Lua, pura como o Sol, formidável como um exército com bandeiras?" Cantares 6:10. É a igreja que tem a mensagem final para o mundo, no momento em que sabe qual é o seu objetivo, e em perfeita ordem e plenamente unida empenha-se em alcançá-lo pela graça de Deus. Essa é a igreja vitoriosa, que sente a felicidade de levar pecadores aos pés da cruz, que o faz com alegria e como meta suprema. Essa é a igreja que triunfará gloriosamente. Edifiquemos juntos uma igreja assim.

— Rubén Pereyra

# Periscrutação

HÁ uma forte tendência de padronizar a obra de Deus. Vivemos na época da standardização e até mesmo as coisas espirituais sofrem os efeitos da secularização nesta época da cibernética.

As ciências políticas e sociais traçaram novas diretrizes e apontam diversas soluções, as mais das vezes utópicas para os problemas humanos.

Administrar a igreja de Deus na Terra não é todavia uma questão técnica como muitos pensam. A obra de comunicar aos homens os planos de Deus e de estender o Seu Reino neste mundo é muito mais do que uma empresa, na expressão moderna da palavra. Não somos empresários, mas missionários. Se colocássemos os negócios da igreja nas mãos de técnicos em administração, formados nas melhores universidades, seria correr um grande perigo de ver o colapso no progresso da causa de Cristo.

Para gerir os assuntos divinos é necessário uma mente iluminada pela divindade. É com sabedoria celestial, visão e discernimento proveniente do Espírito Santo que se pode lidar com as coisas de Deus. Em I Cor. 2:14, S. Paulo afirma que as coisas espirituais "se discernem espiritualmente."

Quem não tem a mente de Cristo não pode tratar das coisas da causa de Cristo com êxito. Os problemas nossos são espirituais e não técnicos.

Li há pouco no livro História da Redenção da Sra. White, um fato que me levou a meditar. Nas páginas 349 e 350, a Sra. White fala de Lutero e Melancton. A Obra da Reforma precisava ir avante e duas personalidades diferentes entre si foram por Deus escolhidas para promoverem esta obra. Lutero era intrépido, corajoso, até ousado. Melancton por sua vez, era calmo, ponderado, prudente. Os dois entretanto se completavam. Quando Lutero se excedia em seu ardor em prol da Reforma, Melancton era uma espécie de freio

para segurar Lutero. A Sra. White termina o parágrafo dizendo:

"A cautela mui previdente de Melancton muitas vezes desviou dificuldades que teriam sobrevivido à causa, se a obra estivesse entregue unicamente a Lutero; e muitas vezes a obra não teria sido levada avante se estivesse entregue a Melancton só. Foi-me mostrada a sabedoria de Deus em escolher esses dois homens para promover a obra da Reforma."

Se a obra da Reforma fosse uma tarefa puramente humana, talvez um técnico administrativo achasse impróprio usar Melancton ou quem sabe o próprio Lutero para esta missão. Como afirma S. Paulo:

"Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada; mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se tivesse conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória." I Cor. 2:6-8.

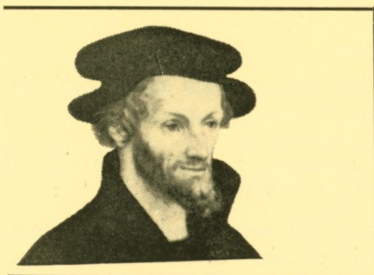
Sabedoria humana não serve para fazer a obra de Deus na Terra. Quem não aprender com Deus não pode ser um obreiro de Deus.

Portanto, o melhor que podemos fazer é pedir a Deus que Ele mesmo dirija a Sua obra, chamando as criaturas e capacitando-as com o poder do alto para fazer o trabalho que precisa ser feito.

Mais conhecimento de Deus e menos cultura do espírito. Mais oração e menos ocupação.

Mais dependência de Deus e menos dependência de recursos técnicos.

Menos crítica e mais confiança na liderança da Obra que Deus estabeleceu.



← MELANCTON



LUTERO →

# Rumo à Perfeição

Salim Japas

Diretor do Curso Teológico do Colégio das Antilhas

**NOTA:** Este estudo sobre a perfeição cristã foi apresentado pelo Pastor Salim Japas, durante o Retiro Ministerial, realizado de 27 a 29 de outubro de 1972, no acampamento Elias Burgo, em Porto Rico.

## I — Introdução:

1. Aparente contradição em Paulo. Fil. 3: 12 e 15.

“Não que eu . . . tenha já obtido a perfeição.”

“Todos . . . que somos perfeitos.”

2. Poucas declarações bíblicas têm sido causa de maior escândalo.
3. Há os que negam e há os que afirmam a possibilidade da perfeição.
4. Procuremos sanar a dificuldade. O coração do tema é a justiça de Cristo.

## II — Em que sentido não somos perfeitos.

1. Não somos perfeitos em *conhecimento*.
  - a. No que respeita ao *mundo natural*.  
Ex.: O que desconhecemos é muito mais do que o que conhecemos.
  - b. No que respeita a *Deus*. Jó 37:22 e 23.

“A revelação de Si mesmo que Deus deu em Sua Palavra deve ser objeto de nosso estudo. Devemos procurar compreendê-la. Mas não devemos tentar ir além. O intelecto superior pode

sobrecarregar-se até o esgotamento pelas conjecturas acerca da natureza de Deus; mas o esforço será inútil. Não se nos pede que solucionemos este problema. Mente humana alguma pode abarcar a Deus. Que nenhum homem finito procure interpretá-Lo. Que ninguém especule sobre Sua natureza. Nisto, o silêncio é eloquência. O Ser onisciente está acima de toda possibilidade de análise.” — *Testimonies*, Vol. 8, pág. 279.

- c. Devíamos dedicar mais tempo na consideração do que se refere à paternidade de Deus.

- d. No que se refere à *Trindade, encarnação e pecado*.

“É impossível às mentes finitas compreender a obra da redenção. Seu mistério supera o conhecimento humano.” — *O Desejado*, pág. 144.

“Mistério da piedade.” I Tim. 3:16.

“Mistério da iniquidade.” II Tes. 2:7.

“Os tempos e as estações.” Atos 1:6 e 7.

“As coisas ocultas são para o Senhor.” Deut. 2:29.

“Não fará coisa alguma sem revelar os Seus segredos.” Amós 3:7.

2. *Não conhecemos o íntimo das providências de Deus*.

“Nuvem e escuridão ao Seu redor, justiça e retidão o assento do Seu trono.” Sal. 97:2.

“O que faço não compreendes agora, mas compreendê-lo-ás depois.” S. João 13:7.



"Deus não dirige nunca os Seus filhos de outra maneira senão aquela que eles mesmos escolheriam se pudessem ver o fim desde o princípio, e discernir a glória do propósito que estão cumprindo como colaboradores Seus." — *O Desejado*, pág. 197.

Quão grande é a ignorância e quão insignificante o conhecimento!

3. *Não estamos isentos da possibilidade de errar.*

Quase sempre é uma conseqüência do primeiro. "Em parte conhecemos." I Cor. 13:12.

Quanto à salvação, o Espírito Santo "nos ensinará todas as coisas." S. João 14:26.

Quando se transportam estas verdades para a esfera do humano, então descobrimos.

Paulo disse, em relação a Pedro, que "Ihe resisti na cara ... pois era repreensível." Gál. 2:11.

Paulo e Barnabé tiveram "tal desavença que vieram a separar-se." Atos 15:39.

Não somos nem infalíveis, nem irrepreensíveis e nem impecáveis.

"Nenhum apóstolo ou profeta pretendeu ter vivido sem pecado. Homens que viveram muito perto do Deus, homens que sacrificaram a vida antes que *cometer conscientemente* um ato pecaminoso, homens a quem Deus honrou com luz divina e poder, confessaram sua natureza pecaminosa." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 448.

4. *Não estamos livres de fraquezas.*

"Todo aquele que ... se irar contra seu irmão, está sujeito a julgamento." S. Mat. 5:22.

Cada pessoa tem debilidades pessoais inatas ou herdadas.

Referimo-nos a *debilidades funcionais internas, isto é, corporais*, que não são de natureza moral.

"Conquanto não possamos aspirar à perfeição na carne, podemos ter uma perfeição cristã da alma... Por meio da fé em Seu sangue, todos nós podemos tornar perfeitos em Cristo Jesus." — E. G. White, *Gen. Conf. Bulletin*, 23-4-1901.

Não nos podemos livrar de *tentações*.

"As tentações virão sobre vós, porque por elas seremos provados durante nossa permanência na Terra. Esta é a prova de Deus, uma revelação de nossos próprios corações. Não é pecado ser tentado; mas é pecado quando nos rendemos à tentação." — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 358.

III. *Em que sentido somos perfeitos.*

1. Sentido do vocábulo "perfeito" — *Te-leios*.

É um adjetivo que tem o sentido de:

Pleno desenvolvimento.

Maduro.

Completo.

Lutando para alcançar um alvo.

"Em cada grau de desenvolvimento nossa vida pode ser perfeita... Haverá assim um avanço contínuo. O Espírito de Cristo, ao trabalhar no coração, o transforma segundo Sua imagem." — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 58.

"Para aperfeiçoamento dos santos." Efés. 4:12.

Caráter.

Conhecimento.

Obra.

"Ainda não somos perfeitos, mas é nosso privilégio separar-nos dos laços do eu e do pecado, e avançar rumo à perfeição." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 451.

Não só a perfeição do caráter, mas também a perfeição das obras. Fil. 1:6.

Alimento sólido é para os perfeitos (Heb. 5:11-14).

"Quando Satanás for destruído, não haverá mais ninguém que tente; a *expição não precisará ser repetida*, e não haverá perigo de outra rebelião no Universo de Deus... O plano da salvação que manifesta a justiça e o amor de Deus, proporciona uma eterna salvaguarda contra a defecção nos mundos não caídos, como também entre os que serão redimidos pelo sangue do Cordeiro." — *SDABC*, Vol. 5, pág. 1132.

2. *Evidências da perfeição cristã.*

Equilibrado no pensar; *não fanático*.

a. Vejamos as características de um cristão *amadurecido*.

1. Seus interesses são *amplos, variados*, e procura crescer em todas as direções possíveis.

2. Busca uma *reforma interior*, e esta se reflete na conduta e hábitos exteriores de sua vida.

3. Mostra-se humilde em suas opiniões. Sabe que tem muito que aprender da Palavra de Deus e dos Testemunhos.

4. É tolerante com as idéias alheias, mesmo que não combinem com as

suas. Mostra amor, paciência e bondade para com os demais.

5. Estuda a mensagem para benefício próprio e também dos outros.
  6. Dá atenção às citações do Espírito de Profecia que esclarece *todo tópico de importância*. Não é unilateral ou parcial em suas conclusões.
  7. Humildemente *aceita os seus erros* quando se defronta com as provas que os mostram.
  8. Submete seus sentimentos e impulsos ao sã juízo e à razão santificada e se dobra à vontade de Deus.
  9. É capaz de examinar provas que ajudem a distinguir o bom do mau. Recusa o que é mau e aceita o que é bom.
  10. Procura fazer discípulos para Cristo, não os atraindo para a sua própria pessoa. Sempre os conduz ao Senhor Jesus.
- b. Vejamos agora as características do “*fanático*.”
1. Concentra o seu interesse *em um ou dois pontos*, com exclusão dos demais, mesmo que sejam tão importantes como os outros.
  2. Está mais preocupado com os *exteriorismos* da vida cristã. Importa-lhe mais o que é material do que a unificação dos princípios da fé.
  3. Sente-se satisfeito e até orgulhoso de suas realizações relacionadas com o exterior.
  4. É pronunciadamente *crítico*, e tem a tendência de condenar os que não concordam com suas idéias.
  6. Cita ou deixa de citar só o que se ajusta a seus pontos de vista.
  7. Sustenta com tenacidade suas idéias, mesmo quando se lhe tenha demonstrado comprovadamente que está errado.
  8. Deixa-se governar por *impulsos e sentimentos*, mesmo que a razão e o juízo equilibrado sejam deixados fora.
  9. Com freqüência mostra-se volúvel, e vai de um extremo a outro.
  10. Procura chamar a atenção para sua própria pessoa e se esforça por conseguir adeptos.

## V. *Que é santificação?*

### 1. *Quando o cristão peca.*

Que acontece quando um cristão que deseja viver vida justa, cai em falta?

“Se somos vencidos pelo inimigo, não estamos abandonados, nem separados ou rejeitados por Deus.” — *Vereda de Cristo*, pág. 69.

“Eu dei a Minha vida por estas almas. Seus nomes estão esculpados nas palmas de Minhas mãos. Podem ter imperfeições de caráter, podem haver falhado em seus esforços, mas arrependeram-se, e Eu os tenho perdoado e aceitado.” — *Profetas e Reis*, pág. 433.

“Quando estamos revestidos da justiça de Cristo, não teremos nenhum gosto pelo pecado, pois Cristo operará dentro de nós. Talvez cometamos erros, mas aborreceremos o pecado que causou os sofrimentos do Filho de Deus.” — *Test. Seletos*, Vol. 1, págs. 431 e 432.

“Se alguém pecar, temos um Advogado.” I S. João 1:9.

### 2. *Quando chegaremos à perfeição plena?*

“Santificação não é obra de um momento, uma hora ou um dia, mas de toda a vida. . . . Enquanto Satanás reina, teremos de dominar-nos a nós mesmos e vencer os pecados que nos rodeiam; enquanto durar a vida, não haverá um momento de descanso, um lugar aonde possamos chegar a dizer: alcancei plenamente o alvo. A santificação é o resultado da amável obediência prestada toda a vida.” — *Atos dos Apóstolos*, pág. 447.

“Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum.” Rom. 7:18.

“Mas longe esteja de mim o gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.” Gál. 6:14.

“Nós não podemos dizer que estamos sem pecado, até que este nosso corpo seja transformado na semelhança do corpo glorioso de Jesus. Mas se nós, com perseverança, seguimos ao Senhor, a bendita esperança é nossa, e estaremos diante dEle sem mancha nem contaminação, mas completos em Cristo.” — *Signs of the Times*, 23 de maio de 1883.

Alguns entendem que podemos chegar ao estado de completa perfeição aqui e agora.

“Aos que se têm esforçado tanto para alcançar a assim chamada carne santificada, quero dizer: Não podeis obtê-la. Nenhum de vós possui no momento carne santificada. Nenhum ser humano na Terra tem carne santificada. É uma impossibilidade.” — *Test. Seletos*, Vol. 2, pág. 36. Fil. 3:20 e 21; Rom. 8:14-23.

### 3. *Em que consiste a santificação?*

O alvo que Deus nos propõe é a santidade.

A vontade de Deus (I Tes. 4:3).

Ninguém verá o Senhor (Heb. 12:14).

“Mais elevado do que o sumo pensamento humano, é o ideal que Deus tem para Seus filhos. O alvo a alcançar é a piedade, semelhança com Deus.” — *Educação*, pág. 16.

#### 4. Como interpretar esta declaração?

“Cristo é nosso exemplo... Ele é o modelo perfeito e santo que devemos imitar. Nunca poderemos igualar-nos ao Modelo, mas também não seremos aprovados por Deus se não O copiamos, e segundo a habilidade que Deus nos deu, O seguimos.” — *Testimonies*, Vol. 2, pág. 549.

1. Imitar o Modelo perfeito.
2. Segundo a habilidade que Deus nos deu.
3. Nunca chegaremos a ser como Ele.

#### 5. Como copiar o Modelo?

“A vontade deve colocar-se ao lado da vontade de Deus. Não podeis pelo vosso próprio querer, pôr os propósitos e desejos e inclinações em sujeição à vontade de Deus; mas se estais dispostos a submeter vossa vontade à Sua, Deus realizará a tarefa por vós.” — *O Maior Discurso*, pág. 119.

“A justiça de Cristo não é um manto para cobrir pecados não confessados nem abandonados; é um princípio de vida, que transforma o caráter e rege a conduta. Santidade é integridade para com Deus; é a entrega total do coração e da vida, a fim de que revelem os princípios do Céu.” — *O Desejado*, pág. 509.

“Porque a santificação consiste no alegre cumprimento de nossos deveres diários, e perfeita obediência à vontade de Deus.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 294.

Assim é que Deus nos considera perfeitos agora, se nossa vontade está totalmente posta a Seu lado, embora alguns aspectos de nossa vida não sejam perfeitos ainda.

“Quando em nosso coração decidimos obedecer a Deus, quando todas as nossas forças são empregadas para alcançar este objetivo, *Jesus aceita esta disposição e esforço*, como sendo o melhor serviço do homem, e Ele completa o que falta com o Seu próprio divino mérito.” — *My Life Today*, pág. 250.

“O Pai considera não o vosso caráter deficiente, mas Ele vos vê revestidos de Minha perfeição. Sou o meio pelo qual chegarão as bênçãos do Céu. Todo aquele que Me confessa, participando de Meu sacrifício pelos perdidos, será confessado como participante na glória e no gozo dos remidos.” — *O Desejado*, págs. 323 e 324.

## VI. Fontes de aperfeiçoamento.

### 1. O estudo da Palavra de Deus.

“As verdades da Bíblia, recebidas, elevarão a mente de sua mundanidade e degradação. Se a Palavra de Deus fosse apreciada como devia ser, tanto jovens como anciãos possuiriam uma retidão interior, uma fortaleza de princípios, que os capacitaria para resistir à tentação.” — *Testimonies*, Vol. 8, pág. 319.

As palavras... “são espírito e vida.” S. João 6:63.

“Recebida no coração, a levedura da verdade regulará os desejos, purificará os pensamentos, dulcificará a disposição. Aviva as faculdades da mente e as energias da alma. Aumenta a capacidade de sentir e amar.” — *L. Práticas del Gran Maestro*, pág. 89.

### 2. Pela contemplação de Jesus.

Com os olhos postos em Jesus.

“Estudai o caráter de Deus. Contemplando a Cristo, buscando com fé e oração, podeis chegar a ser como Ele.” — *Conselhos aos Professores*, pág. 308.

“Deus estende Sua mão para alcançar a mão de nossa fé, e dirige-la para apegar-se à divindade de Cristo, a fim de que nosso caráter possa alcançar a perfeição.” — *O Desejado*, pág. 99.

“Esta é a vitória que vence.” I S. João 5:4.

“Em Cristo, Deus providenciou os meios para subjugar todo traço pecaminoso e resistir a toda tentação, por forte que seja.” — *O Desejado*, pág. 396.

### 3. A entrega diária de nosso ser a Deus.

“Cristo vive em mim.” “Cada dia morro.” Gál. 2:20.

“A Minha graça te basta.” II Cor. 12:7-10.

## VII. Conclusão.

Há uma perfeição que podemos qualificar de RELATIVA, e implica uma “relação com Cristo.”

Neste sentido o cristão perfeito é o que tem aceito como objetivo de sua vida, a restauração da imagem de Deus em si, e lutará durante toda a vida para alcançar isto.

Esta perfeição não consiste numa imunidade absoluta à tentação e ao pecado, mas sim, num absoluto repúdio ao pecado, como princípio que governa a vida.

Há, porém, outra perfeição, a qual podemos qualificar de VICÁRIA, já que é aquela perfeição que Cristo nos imputa e conosco reparte.

Nota: Todas as citações são do original em espanhol. ●

# Como Você

# Trata o Seu Pres

Samuel D. Kettle

(Pastor em Ibicaraí, Bahia, Brasil)

**P**ODE ser que seu presidente seja de Campo local, de União, da Divisão ou do Campo Mundial, e pode até ser que seu líder imediato nem seja conhecido como presidente, se você trabalha numa instituição médico-hospitalar, casa editora, estabelecimento de ensino ou numa indústria de produtos alimentícios, onde seu líder é geralmente conhecido como diretor ou gerente.

Mas seja como for, a pergunta que originou o título destas considerações lhe pertence, uma vez que você faz parte do corpo de obreiros e colaboradores da causa de Deus na Terra. E o que é mais seguro mesmo é que na área onde você estiver, você tem um presidente, mesmo que aconteça ter outro líder seu entre ele e você.

Esta indagação nos tem acudido à mente desde que penetramos no corpo do ministério adventista. É uma das sérias coisas que nos deve chamar a atenção nesta hora derradeira para a obra de Deus é esta: Tratamos nosso presidente da maneira como desejamos ser tratados pelos membros de nossas igrejas? Tratamo-lo com a mesma dignidade que gostaríamos de receber de outros? Temos colocado em prática a regra áurea de S. Mat. 7:12?

Tem havido nos últimos anos certa apreensão do ministério proveniente do fato de que muitos irmãos, e até igrejas quase que em massa, têm faltado com o devido respeito para com os ministros, mormente para com os pastores das igrejas locais. Para debelarmos com esta situação, iniciemos com a realidade de que três são as categorias ou tipos de liderança no mundo:

I. **LIDERANÇA AUTOCRATA** — contendo no seu bojo o espírito totalitário e que em tudo se concentra na autoridade do líder.

II. **LIDERANÇA DEMOCRATA** — regime onde líder e liderados têm participação conjunta e que o ponto alto das decisões repousa no líder.

III. **LIDERANÇA LIVRE** — que em linhas gerais todos têm participação de ordem ou mando, embora o líder jamais deve deixar de ser reconhecido como tal.

Bom número dentro do ministério conduzem consigo a idéia que como pastores temos que prestar satisfação exclusivamente a Deus, o verdadeiro dono da obra. É verdade que Deus é o dono da



# idente?

obra e por isso não é apenas nosso maior líder, mas nosso supremo líder. Entretanto, faz bem que consideremos que este supremo Senhor entregou dons aos homens, e dentre estes não poderia faltar o dom de "governar" I Cor. 12:28, (tradução Matos Soares), ou numa linguagem corrente na época das comunicações, o dom de liderar o corpo de obreiros, aos quais, em grande medida, temos que prestar plena satisfação, embora a satisfação suprema tenhamos que prestar pessoalmente a Deus. Diante dos três tipos de liderança que há no mundo é bom que atentemos para estas precisas interrogações:

Que tipo de líder é o seu presidente?

Que tipo de liderança você se agrada?

O mais seguro é que seu presidente imediato não é o meu, e até pode ser. Mas o que importa é que você sabe o seu nome, a sua fisionomia, seus impulsos, suas características importantes e uma série de coisas detalhadas do seu presidente. É bom lembrar que ele além de ser um homem escolhido por Deus para ser o seu líder, função muito importante na Sua causa, seguramente é um homem diferente de você, não apenas em suas características externas, como na maneira de pensar e agir, possivelmente diferente de todos os demais presidentes da obra de Deus espalhados no Campo Mundial, e que apesar de suas deficiências (o que todos temos), permanecerá como seu presidente até o dia que Deus permitir.

É esse homem que tantos pensam estar ele errado quando em relidade está acertado em suas deliberações e vice-versa. É daí que surgem as tremendas tentações de criticar e desprestigiar a pessoa de seu presidente. É quando alguém tem dito: "Se eu fosse o presidente não teria feito isto" ou "Se eu estivesse no lugar do presidente eu faria daquela forma." Quem sabe você mesmo já não falou assim, e jamais pensou que poderia fazer pior se estivesse no lugar do seu presidente.

Quanto ao tipo de liderança que você acha ideal não é de estranhar que seja exatamente o tipo que seu presidente não acha. No caso em lide, de modo geral, o presidente exerce sua liderança conforme o tipo do seu liderado. Por estranho que pareça, há mesmo raros tipos de indivíduos que podem ser liderados sob regime da liderança livre, e isto não é ponto argumentativo.

Enquanto isto, veja como você considera este outro ponto. Você pode responder livremente que

tipo de líder é você? Temos que concordar que não é muito fácil contestar ao pé da letra esta pergunta.

Você é pastor de igreja ou já exerceu esta função? Numa igreja você pode triunfar com um tipo de liderança, enquanto que em outra igreja você falharia totalmente com este mesmo método. Por quê? Não será em função das pessoas que em cada igreja ou comunidade são diferentes? Seguramente alguma vez em sua experiência já se entristeceu motivado por irmãos e quem sabe colegas de ministério que lhe tem maltratado na presença e ausência também. Então você está altamente capaz de pensar no seu presidente agora, seja ele como for. Você já não fez a mesma coisa com ele? Como temos tratado nosso presidente? Não é de admirar que nossos irmãos leigos exercitem (mesmo inconscientemente) desprestigiar o ministério adventista até mesmo com os próprios companheiros de obra e para com o corpo de ministros de Deus? É indiscutível que podemos discordar da opinião dos colegas de obra e mesmo do nosso presidente. Não vemos nesta atitude nenhum pecado. Contudo há algo que jamais devemos permitir em nosso sagrado ministério: comentar certas particularidades da obra na presença de nossos filhos ou na presença de certos leigos, embora não desconhecamos o existência de irmãos leigos dignos de plena confiança para com os assuntos pertinentes ao corpo de ministros. Eis aqui um do maiores porquês da depreciação satânica do ministério adventista.

Seguem algumas consultas de real valor, a fim de que balancemos individualmente a maneira como tratamos nosso presidente ou líder imediato:

1. Sempre oro por meu presidente?
2. Acato suas sugestões mesmo que sejam contrárias a minha maneira de pensar e agir? Ou lhe censuro por isto?
3. Considero-o como um homem de Deus (que ocupa esta importante função pela vontade de Deus)?
4. Sinto-me contente quando me convida a orar comigo?
5. Participo-lhe pessoalmente ou por correspondência de meus triunfos, ou lhe carrego a cabeça só com problemas?
6. Que faço quando não atende minhas reivindicações? Procuo desprestigiar-lo na primeira oportunidade que se me apresenta?
7. Com minha esposa ou com colegas comento suas deficiências na presença de estranhos ou de meus filhos?

Não seria bom fecharmos de uma vez por todas nossa boca e controlarmos de tal maneira nossos atos, a fim de que possuídos do poder do Espírito Santo em nossas vidas, não apenas tratemos e nos identifiquemos melhor com nossos líderes, para que nossas igrejas sejam melhor inspiradas naquele profundo respeito tão necessário ao corpo de ministros prescrito na Palavra de Deus (Heb. 13:17 e I Tim. 5:17), corpo este que labuta agressivamente na conclusão da pregação do Evangelho e contemplarmos logo nosso supremo Líder — Jesus voltar?

Você está disposto a esta decisão? ●



O DIRETOR FAZ 10 PERGUNTAS A ENEAS SIMON

## TEMA: O Retiro de Integração

*Nota* — Estivemos em Curitiba nos dias que precederam a programação da Semana Santa. Visitamos o Pastor Simon e comprovamos o entusiasmo dos oficiais de suas igrejas e dos irmãos em geral na realização do programa de evangelização. Logo veremos os frutos dessa magnífica tarefa realizada.

Não poderíamos repetir através de todo nosso território esta magnífica experiência?

**U**MA das preocupações dominantes hoje da igreja adventista e ao mesmo tempo um de seus objetivos, é lograr a coordenação de forças e métodos na tarefa básica da igreja — evangelizar.

Muito já se tem feito no sentido de eliminar planos e programas que em lugar de imprimir agilidade e eficiência à máquina, talvez fazia com que ela se tornasse mais pesada. Estão sendo dados passos decisivos também na fusão de departamentos afins e mesmo de campos, para evitar gastos em administração e lograr uma maior inversão de fundos e talentos para alcançar mais almas. Entretanto, essa preocupação não deve limitar-se às esferas da Associação Geral, Divisão, União ou campo local. Deve descer também ao núcleo menor, embora mais importante — a igreja local. Se a igreja local não entra na programação, serão em vão os esforços das organizações superiores.

Que pode fazer um pastor local? Ele é sem dúvida a chave do processo. Dentro do programa do ano e também de 1944, estão em evidência as três fases básicas da obra da igreja: Reavivamento, Instrução e Ação. As três são importantes. Descuidar uma delas é frear todo o processo, ou pelo menos limitá-lo. Se a igreja é reavivada espiritualmente, sentirá o desejo de fazer mais por Cristo. Se ela é instruída nos segredos da tarefa, sentir-se-á capaz de realizá-la. Com uma programação prática de ação, ela poderá experimentar a alegria de ver os frutos.

O Pastor Eneas Simon, assim como muitos obreiros da América do Sul, reuniu os líderes de suas 9 igrejas e grupos para um dia especial, chamado: Retiro de Integração. Como essa foi uma experiência notável, o entrevistamos pedindo que compartisse com os leitores o que foi alcançado.

1) Qual tem sido sua experiência na obra até agora?

*Resposta:* Pastor Pereyra, completei 21 anos de ministério, dos quais 3 apenas foram dedicados à obra administrativa, 8 anos foram dedicados ao evangelismo direto e 10 ao evangelismo pastoral. Atualmente sou pastor-evangelista do distrito de Juvevê, em Curitiba.

2) Como pastor, qual é o problema que mais lhe tem preocupado nas igrejas?

*Respostas:* a. Conseguir a maior participação dos membros nas atividades internas da igreja, ou seja — Integração.

b. Reavivamento e reforma.

c. Levar os membros a terem certeza do perdão de seus pecados e a experimentarem uma experiência pessoal — a justificação pela fé.

d. Conscientização da necessidade e procura do batismo do Espírito Santo e da finalização da obra.

3) Como surgiu o plano de fazer um Retiro de Integração?

*Resposta:* Surgiu no fim de 1966, quando os oficiais da igreja de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso foram eleitos. Descobrimos que havia necessidade de ordenar vários anciãos e diáconos. Senti o desejo de ministrar-lhes um curso preparatório, porém foi difícil conseguir conciliar um horário favorável a todos. Solucionamos o problema convocando os anciãos e diáconos eleitos para um retiro espiritual. Foi uma inspiração e uma bênção. Desde então, cada ano tenho procurado realizar estes retiros, incluindo apenas os anciãos e diáconos, e sempre da igreja sede. No início de 1972 estendemos o convite a outros oficiais e houve grande entusiasmo. Sentindo a necessidade de orientar mais e melhor os oficiais do meu distrito com 12 igrejas e grupos, sendo 9 na área de Curitiba, surgiu a idéia de convocar todos os oficiais eleitos para o presente ano para um Retiro de Integração, tendo como meta primordial, desencadear o tão almejado reavivamento.

4) Onde foi realizado o primeiro retiro, em dezembro, e quantos oficiais assistiram?

*Resposta:* Conseguimos uma chácara do Colégio Sta. Maria, onde são realizadas as reuniões de pais e mestres deste colégio. É um aprazível lugar, com lagos e bosques. Ali contamos com a presença de 250 oficiais de 9 igrejas e grupos. Um detalhe: havíamos escrito a cada um com antecedência, indicando o preparo que cada um deveria realizar, e solicitando que nenhuma criança fosse levada, para conseguirmos total concentração nos temas a serem tratados.

5) Qual foi o programa da reunião?

*Resposta:* Nosso objetivo primordial era: *Reavivamento*. O pensamento do dia: *Desligados do mundo, ligados a Deus*.

HORÁRIO	TEMA
Até 7:45	Abertura — Apresentação — Meditação — Oração — Plano Geral 1973
7:45 - 8:45	Meta Primordial — 1973
8:45 - 9:00	Oração Individual e Meditação
9:00 - 9:30	O Espírito Santo e o Reavivamento
9:30 - 10:00	Súplica em Grupos — Afinidade — União
10:00 - 11:00	Justificação pela fé — Experiência Pessoal
11:30 - 13:00	Almoço — Descanso — Cânticos — Oração
13:00 - 14:00	Educação Cristã — Mesa-Redonda — Oração
14:00 - 14:30	Responsabilidade dos Oficiais — Geral

14:30-15:45 Planejamento do trabalho para 1973  
Anciãos  
Diáconos e Diaconisas  
Secretários  
Tesooueiros  
Escola Sabatina  
Trabalho Missionário  
MV  
Dorcas

15:45-16:00 Oração é Poder  
16:00-16:15 Relatórios em Grupo  
16:15-17:15 Mordomia e Fidelidade  
17:15 Encerramento e Testemunhos

6) Pode dar detalhes em relação ao aspecto devocional?

*Resposta:* Como pode notar pelo programa, a parte da manhã foi dedicada ao análise das necessidades espirituais de cada adventista, hoje. Estudamos o reavivamento, a obra do Espírito Santo e a Justificação, ressaltando o valor da experiência pessoal. Os assuntos foram intercalados com períodos de oração e meditação, ora em grupos de 2 ou 3, ora individualmente. Preparamos uma coletânea de textos do Espírito de Profecia sobre Reavivamento, Espírito Santo e Chuva Serôdia, Experiência Pessoal, que serviram de base para estes momentos de meditação.

7) E a parte de integração, unificação do trabalho?

*Resposta:* A parte da tarde foi dedicada ao análise das responsabilidades gerais e específicas de cada oficial. O grande objetivo da divisão em grupos de trabalho por departamento visava desenvolver um programa de ação distrital integrado e levar os oficiais mais experientes a compartilhar suas idéias e planos com os demais. Após esta reunião, o relator de cada grupo apresentou ao plenário os planos e sugestões de interesse geral.

8) Seguirá o distrito o programa de ação coordenada do ano de 1973, Ano da Juventude?

*Resposta:* Durante o período destinado ao planejamento do trabalho para 1973, o programa de ação coordenada foi amplamente analisado. Vamos segui-lo à risca.

9) Vemos no programa uma parte de uma hora e meia, intitulada: "Justificação pela fé — Experiência Pessoal". Que foi realizado nesse período?

*Resposta:* Pastor, neste período apresentamos a mensagem de Deus sobre arrependimento, confissão e perdão. Sentindo que muitos ainda não criam no perdão, procuramos ajudá-los com a lição objetiva seguinte: cada um escreveu em um pedaço de papel os pecados que os faziam sentirem-se separados de Deus. Depois

acendemos uma fogueira para queimá-los e mostramos que da mesma maneira como o fogo devorou aqueles papéis, Deus também apaga e esquece todos os pecados daqueles que crêem. Foi um momento solene e inspirador.

10) Baseado na experiência, está satisfeito com os resultados?

*Resposta:* Com alegria verificamos que os resultados sempre foram positivos, e este último, embora tenha sido tão recente já está produzindo seus frutos. Houve uma verdadeira transformação em muitos, e um maior interesse e participação nas responsabilidades da igreja. Um verdadeiro entusiasmo para ganhar almas e terminar a obra! O alvo estipulado pelos líderes das igrejas e grupos para o ano de 1973 é de 242 almas. Isto já é uma prova de um começo de reavivamento. ●

## Atividades de Setembro — Outubro

### 1) CONTINUA:

- Campanha grande de evangelização
- Reuniões semanais de avaliação e planificação (Quartas-feiras de noite)

### 2) INICIA-SE:

- Campanha de mordomia (setembro)
- Curso sobre o livro *O Lar Adventista* (outubro)

### 3) DATAS ESPECIAIS:

Sábado 8 de setembro: Dia do Púlpito Jovem

Sábado 15 de setembro: Dia Continental de Jejum

Dias 21-23 de setembro: Grande Batismo de Primavera (Enviar os relatórios telefônica ou telegraficamente).

Sermão de preparação para o curso *O Lar Adventista*



# A Missão da Igreja

Gottfried Oosterwal

Professor, Departamento de Missões,  
Seminário Teológico, Andrews University

1. A igreja foi chamada à existência para propósito missionário. Toda a sua vida e liturgia, trabalho e culto, portanto, têm intenção missionária, senão dimensão missionária. Missão é a própria razão de ser da igreja. Os membros da igreja, isto é, as pessoas a quem Deus, por meio do Seu Espírito, chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz, são declarados por Deus propriedade Sua, para proclamar a Sua glória (I S. Pedro 2:9). A todos que aceitam a Cristo ordena-se que trabalhem pela salvação de seus semelhantes. Ao tomar sobre si os sagrados votos da igreja (sacramentum), os membros irrevogavelmente comprometem-se a ser coobreiros de Cristo. Missão é o sinal distintivo de quem é cristão, membro da família de Deus.

A missão da igreja é participar da própria missão de Deus. Fruto ela mesma da missão de amor de Deus, a igreja é a instrumentalidade de Deus para a salvação de homens, instrumento para levar o evangelho a todo o mundo e congregar a homens de toda nação numa só família de Deus, numa imagem viva de Deus, a qual reflete Sua plenitude e suficiência por meio de amor altruísta, de serviço, e de santo viver.

2. Missão de Deus é Sua maneira de tratar com o problema do pecado e seu poder destrutivo. Antes que o pecado fizesse sua entrada no mundo surgiu uma rebelião no Céu contra o governo de Deus. Em oposição ao reino de Deus, suas leis e seus princípios, Satanás estabeleceu o seu próprio reino. Foi também ele quem enganou a nossos primeiros pais — em cuja queda todos os homens morrem (I Cor. 15: 22) — e que continua a levar os homens à desobediência a Deus (Gên. 3; Efés. 6:11; I S. Pedro 5:8). Coisa alguma na criação está a salvo de seu poder malévolo. Pecado e sofrimento, decadência e morte, eis os resultados. Mas Deus, que não deseja que ninguém sofra ou pereça (Êxo. 18:23; S. João 3:16 e 17; II S.

Pedro 3:9), enviou os Seus anjos e o Espírito Santo para proteger os homens e guiá-los. Ele envia auxílio e redenção (Sal. 20:2; 111:9); envia homens para que sejam uma bênção para outros, e Seus profetas para fazer-Se conhecido como realmente é. Nosso Deus é um Deus missionário, que de tal maneira amou o mundo que enviou o Seu Filho unigênito, a fim de restaurar a ligação quebrada e estabelecer sua paz (*shalom*). A igreja é ao mesmo tempo um sinal e um instrumento desta atividade de Deus.

3. O alvo da missão de Deus, do qual é a igreja chamada a participar, deve promover a restauração de Seu reino. E mal e sua regra serão destruídos, pecado e morte abolidos. As forças do mal que separam o homem do seu Criador e que o desumaniza, serão vencidas. O homem será de novo criado à imagem de Deus, e por sua própria e livre escolha amá-Lo-á e O honrará. Os princípios e as leis do reino de Deus serão vindicados, e todo o Universo estará redimido “do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rom. 8:21).

Este alvo da missão de Deus — a restauração de Seu reino — dificilmente pode ser superestimado. Precisamente para este fim Deus enviou a Jesus, cuja vida e missão é o modelo de toda missão. Para este mesmo propósito também Cristo trouxe a igreja à existência. Cada função, cada instituição, cada atividade de igreja tem significado — e o direito de existir — somente se levarem a este alvo. A nenhuma igreja, portanto, é permitido estabelecer alvos que centralize nela própria, ou em seus membros ou em suas doutrinas. O grande alvo de Deus e o papel da igreja como serve não admitem uma consideração eclesiocêntrica de missão. Isto nos deve também impedir de buscar os nossos alvos meramente em ação social: libertar o mundo da fome, das doenças, da pobreza e das injustiças sociais para estabelecer uma cultura cristã. O

reino de Deus não se identifica com um mundo melhor. E mais, o pecado constantemente transforma os homens em rebeldes. Mas nem pode ser o nosso alvo encontrado meramente na recuperação de almas individuais e o planejamento de igrejas. Sem dúvida que a missão da igreja é sempre buscar e salvar o que se perdera (S. Lucas 19:10), mas o reino de Deus não se compadece com a soma de conversos; ele envolve muito mais do que esses atos de salvação. Em suma, missão centraliza-se em Deus, não no homem.

Ambos esses alvos — libertar os homens do pecado e a luta contra enfermidades, fome, injustiça e má estrutura da sociedade — são aspectos da grande controvérsia entre Cristo e Satanás, e são por isto mesmo um sinal da atividade missionária de Deus. Está em jogo, porém, muito mais. Todos esses diferentes alvos precisam ser vistos na vasta, na cósmica perspectiva da plena restauração do reino de Deus. “Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” S. Mat. 6:33.

4. *A missão de Deus foi cumprida no envio de Seu Filho, Jesus Cristo.* Por meio de Sua vida e morte foi o reino estabelecido. “É chegado o reino” é a mensagem de todo o Novo Testamento. Durante o Seu ministério terrestre Cristo desmascarou a Satanás e revelou o seu caráter como de um mentiroso e assassino (S. João 8:44). Deus enviou Seu Filho para destruir as obras do diabo, e Ele decididamente o derrotou (S. Lucas 10:18). Nos sofrimentos de Cristo e em Sua morte ficou manifesta a verdadeira natureza do pecado. Mas ficou revelado também ao mesmo tempo o caráter de Deus, bem como os fundamentos do Seu reino: amor, liberdade, justiça e obediência. O relacionamento do homem para com Deus e para com os semelhantes foi restaurado. A igreja é chamada para ser uma evidência viva do grande *shalom*, esse novo relacionamento de paz e reconciliação, de inteireza, bem-estar e justiça (Rom. 14:7; II Cor. 5:19). Cristo sem dúvida trouxe um fim ao pecado e quebrou o seu poder, o próprio poder da morte. Ele expiou a iniquidade, levou a culpa do homem (S. João 1:29; Rom. 8:3; cf. Isa. 53; Dan. 9:24). O acusador dos irmãos está derrotado. Agora é a hora da vitória de nosso Deus, a hora de Sua soberania e poder (Apoc. 12:7-10). Para a igreja nada é deixado para fazer exceto tornar esses acontecimentos conhecidos em todo o mundo, mediante a proclamação, serviço e associação, e a apelar a pessoas por quem Cristo morreu, isto é, o hindu, o budista, o maometano e os homens das crenças primitivas, as pessoas

que nasceram cristãs, os secularistas e todos os outros *istas*, a que aceitem este evangelho e desfrutem de seus benefícios. Esta missão reclama decisão, a qual envolve o ser a pessoa batizada e ocupar um lugar na igreja de Deus. A menos, então, que estejamos apregoando a Palavra de Deus, a missão se torna “um cheiro de vida para a vida” para uns, e para outros “um cheiro de morte para morte” (II Cor. 2:15-17; Rom. 1:16-24). Ninguém a quem o Senhor tenha trazido para a Sua maravilhosa luz está isento do dever de participar desta missão, seja como missionário de carreira, como missionário fabricante de tendas, ou como missionários não profissionais, que são a maior força da igreja de Deus no mundo hoje. O amor de Deus não nos deixa escolher (II Cor. 5:14). Quando este evangelho do reino tiver sido pregado em todo o mundo, virá o fim (S. Mat. 24:14). Missão, portanto, é sempre preparação para a volta de Cristo e plena compreensão de Seu reino.

5. *Em Sua atividade de enviar, Deus tem sempre como alvo o mundo todo.* A missão da igreja, portanto, firma-se ou cai com a compreensão de que o mundo inteiro é o objeto do amor de Deus, e a igreja é escolhida como canal da graça de Deus aos homens em todo o mundo. Portanto, se Deus elege certas pessoas e lhes envia revelações especiais de Sua glória, verdades especiais e bênçãos de qualquer outra forma, é sempre uma *eleição para serviço*. A história da missão de Deus na Terra, entretanto, cheia de eleições humanamente forçadas, o que tem resultado em embaraçamento do reino de Deus. Foi esta a causa da queda de Israel. Eles acariaram a idéia de eleição por amor a si mesmos e sua própria exaltação como igreja de Deus. Conseqüentemente Israel falhou porque deixou de cumprir o papel de servo de Deus em missão. Isolou-se do mundo — o objeto da missão de Deus. Deus chamou então outro povo à existência, como nação santa e sacerdócio real, para proclamar as virtudes dAquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz (I S. Pedro 2:9 e 10). Embora a missão da igreja difira em muitos aspectos daquela de Israel, o conceito de missão no Novo Testamento não pode ser entendido fora do contexto do mesmo conceito no Velho Testamento. E o que Deus propôs realizar pelo mundo por intermédio de Israel, Ele o fará por meio da igreja hoje. Mas nos ficaria bem lembrar que tudo que aconteceu no passado foi registrado para nossa instrução e advertência (Rom. 15:4; I Cor. 10:11). O perigo de a igreja seguir nos rastros do Israel do passado é muito real hoje.

A igreja é chamada para ser “o sal da Terra”

(S. Mat. 5:13). Ela só pode cumprir esta função quando os seus membros se espalharem por todo o mundo, misturarem-se com as pessoas, envolverem-se em suas atividades, e por este ato dar sabor e salvar, julgar e purgar o mundo. Isto não significa que a igreja se torne como mundo como muitos afirmam, pois “se o sal perder a sua força,” para mais nada presta, mas significa que a missão de Deus é sempre realizada por meio da encarnação. Nenhum programa, instituição ou comunicação por meio de satélites fará muito bem, a menos que o mundo veja o evangelho de Cristo exemplificado na vida diária de seu próprio povo, no modo como têm eles resolvido os seus problemas, tanto os do próprio eu como os da sociedade, no serviço a seus semelhantes, e no genuíno companheirismo da comunhão da fé.

Também não significa que a missão seja cumprida quando ela meramente transpõe limites geográficos. O mundo é um colorido mosaico de diferentes agrupamentos: sociológico, econômico, político, cultural, lingüístico, religioso, consanguinal, racial e geográfico. Cada fronteira, seja de que espécie for, tem de ser cruzada no cumprimento da tarefa missionária. E a igreja precisa apresentar o evangelho aos homens na real situação em que vivem, lembrando-se em todo o tempo que esses agrupamentos e núcleos estão sempre se modificando.

6. *A missão de Cristo não termina na cruz.* O próprio fato de que Cristo, depois de Sua ressurreição, e só então, enviou os Seus seguidores a todo o mundo para tornarem as boas-novas conhecidas, é uma prova de que o reino de Deus não tem sido ainda completamente tornado real. E o envio do Espírito Santo após a ascensão de Cristo testifica do mesmo fato.

Alguns têm concluído, portanto, que Jesus falhou em Sua missão. Mas esta é uma compreensão errônea do evangelho. O reino veio; Cristo levou a termo a missão de Deus (S. João 17:4; 19:30). Outros têm arrazoado que o reino veio, sem dúvida, mas tem de tornar-se real agora no coração e nas atividades de todos os homens. A missão da igreja, na opinião desses, é a expansão do reino que foi estabelecido, à semelhança de uma pequena semente que cresce e se torna uma árvore adulta. Outro grupo sustenta que a missão mundial começou como uma reação da parte de um grupo de desapontados seguidores de Jesus após Sua morte. Entendem que a missão cristã e o papel da igreja é o resultado disto, começou como uma crise no movimento.

### Um Continuo Debate

O debate continua em termos amargos. Con-

trários aos que sustentam que o reino de Deus se completou (plenamente) em Cristo e no Pentecostes, há os que sustentam estar ele ainda no futuro. Uma escola de pensamento vê a missão cristã como o próprio fator que promoverá o reino de Deus, enquanto outra escola entende que a missão em si é a evidência desse reino. Ouvem-se vozes de que a missão deve ser desmitologizada, e não são poucos os que acham dever a missão inteiramente abandonada.

Todas essas escolas de pensamento são uma prova da tensão que é inerente ao Novo Testamento e aos ensinamentos de Jesus em particular. Não podemos escapar dessa tensão. É importante, então, que nos apeguemos ao Cristo inteiro e a Sua inteira obra de missão. As Escrituras tornam abundantemente claro que Cristo veio, uma vez e por todos, a fim de estabelecer o reino de Deus. Mas elas ensinam de modo igualmente claro que Cristo, depois de Sua ascensão, teve de cumprir outra parte de Sua missão antes que pudesse voltar e promover a realidade completa do reino, quando toda espécie de domínio, autoridade e poder seriam abolidos (I Cor. 15:12-27).

A compreensão da continuada missão de Cristo no período entre Sua ascensão e Sua volta é condição *sine qua non* do correto conceito da missão da igreja. *Pois a missão da igreja outra não é senão imitar e participar na inteira missão de Jesus Cristo.* Se baseada somente na concluída obra de Cristo, a missão da igreja perde sua direção e fica defraudada no seu sentido de urgência. No passado isto levou à inércia na obra de missão e tem conduzido a humanização das atividades da igreja. Mas, por outro lado, a missão cristã que enfoca os eventos futuros fica na falta dos fundamentos históricos que são a própria garantia de que nossas esperanças e expectativas serão cumpridas. Tal missão conduz muitas vezes ao entusiasmo fanático e anti-bíblico, e tensas expectativas que põem a igreja em grande desespero. É somente quando nossa missão repousa na obra concluída de Cristo, e encontra sua força, visão e guia na própria atividade de Cristo no Céu hoje, por meio do Seu Espírito, é só então que a igreja será capaz de completar sua tarefa. Missão, portanto, torna-se um contínuo preparo para a segunda vinda de Cristo, sem ser agitada porque o reino de Deus não se está consumando imediatamente ou no dia de amanhã. Mas nós estaremos “esperando e apressando a vinda do dia de Deus” (II S. Pedro 3:12).

7. *Cristo está em atividade “nos lugares celestiais.”* Essas atividades de Cristo “nos luga-

res celestiais” são a própria fonte e poder de nossa missão, e podem ser discriminadas em três títulos:

a. Cristo como Senhor e Dominador de todas as coisas.

b. Cristo ministrando como nosso mediador e sumo sacerdote.

c. A obra de juízo de Cristo.

### Cristo como Senhor

a. *Cristo como Senhor* (I Cor. 8:5 e 6; 12:3; Efés. 1:19-23; Fil. 2:9-11; Apoc. 17:14). Plena autoridade foi-Lhe dada. É na base deste poder que Cristo nos envia a todo o mundo (S. Mat. 28:18 e 19). Sem Cristo como Senhor não haveria a missão da igreja. A contínua execução da soberania de Cristo no mundo, ponto focal da discussão teológica contemporânea, não deve ser definida de modo muito estreito.

Significa, por outro lado, a dominação de Cristo sobre os que crêem nEle. Ele vive neles e dá-lhes poder para permanecer como vencedores. Cristo Se levanta por Sua igreja e prepara o caminho para sua missão. Cortinas políticas, barreiras sociais e portas legislativas cerradas seriam intransponível obstáculo para missão se Cristo nosso Senhor não fosse nosso Missionário-Chefe. Ele ainda tem meios de passar por portas fechadas, e por Sua palavra acalma a tormenta e aquieta as ondas. É onde a igreja em seu arrojo missionário encontra oposição, Cristo está continuamente abrindo oportunidades para trabalho eficaz (I Cor. 16:9).

Por outro lado, a dominação de Cristo também se estende a todos os negócios deste mundo. A História toda está em Suas mãos. Sejam guerras ou revoluções, mudanças tecnológicas ou poder econômico, Cristo tem domínio sobre todos e a todos controla. É mostra da falta de fé e errônea compreensão da missão de Cristo no Céu o pensarmos que este mundo ainda tem de ser sujeito a outros poderes. Com efeito, é somente em virtude da misericórdia de Deus, mostrada em Sua soberania mediante a missão, que Ele ainda não pôs fim a esses poderes do mundo. Mas, a missão da igreja é irreversivelmente dirigida para esse fim.

Uma poderosa descrição dessas atividades de Cristo no santuário celestial é-nos dada no Apocalipse. João vê todo o poder de Cristo dirigido para o único e grande alvo: missão, isto é, a restauração do reino de Deus. É nesta grande missão de Cristo que a igreja é chamada a participar mediante a obediência, o fiel testemunho, o humilde serviço e o amor.

### Cristo, Nosso Mediador e Sumo Sacerdote

b. Quando Cristo ascendeu ao Céu para

ser coroado Senhor dos senhores e Rei dos reis, foi também ungido Sumo Sacerdote para comparecer *por nós* perante Deus (Heb. 4:14; 9:24). Estêvão viu a Cristo de pé como o Filho do homem (Atos 7:56), e João O viu como o Cordeiro (Apocalipse 5). Tudo isto nos ensina de novo que não há missão sem encarnação e sacrifício, humilhação e sofrimento.

Esta atividade de Cristo como sumo sacerdote é obra de reconciliação. É certo que Cristo realizou Sua missão de reconciliação na Terra pelo sacrifício de Si mesmo. Mas, a singularidade e finalidade deste sacrifício não é uma finalidade sem continuação, nem uma singularidade estática. Nosso grande Sumo Sacerdote vive continuamente para interceder por nós (Heb. 7:25); Ele, que morreu na cruz por todos os homens, continua a pleitear nossa causa (Rom. 8:27 e 34; I S. João 2:1). O livro de Hebreus aponta de modo muito enfático para o fato de que Cristo continua o Seu ministério no Céu, a fim de completar Sua missão de reconciliação. Isto é uma questão profundamente importante para nossa compreensão de missão, baseada na amplamente aceita doutrina da pessoa de Cristo.

### O Sistema Sacrificial do Velho Testamento

Uma chave para a compreensão da missão de reconciliação de Cristo após Sua ascensão pode encontrar-se no Velho Testamento, no sistema sacrificial, figura, sombra e antítipo da realidade celestial. No Velho Testamento a expiação era feita pelo derramamento de sangue. Mas para completar a reconciliação entre o pecador e Deus, algo mais do que apenas a morte do sacrifício era necessária. Incluía sobre tudo a *aplicação* do sacrifício expiatório e a *apropriação* dos seus benefícios pela fé. Uma parte essencial do ritual, portanto, era que o sangue fosse levado para o lugar santo e aspergido no altar. O concerto tinha como seu alvo não meramente a expiação do pecado — realizada pela morte do sacrifício — mas o restabelecimento de uma união entre o homem pecador e Deus. (Uma clara ilustração deste duplo aspecto da reconciliação encontra-se em Deut. 21:1-9, onde se dá a lei com respeito à expiação de um assassinio desconhecido.) Assim é com a missão de Cristo: o alvo não é apenas a expiação dos pecados, mas a plena reconciliação entre Deus e cada indivíduo pecador. Na cruz Cristo removeu o obstáculo da reconciliação. Mas é igualmente necessário que Cristo, depois de haver derramado o Seu sangue, levasse-o perante o trono de Deus, para fazer aí aplicação de Seu sacrifício expiatório. (Ver o uso que faz o apóstolo Paulo dos termos *katallage* e *hilasmos*.)

É nesta missão de reconciliação que Cristo nos

inscreveu (II Cor. 5:18), primeiro para proclamar a todo o mundo o grande evento do sacrifício realizado, pelo qual o obstáculo à reconciliação do homem foi removido, e segundo, mas igualmente importante, para apelar a pessoas de todas as nações, línguas, cultura e religiões, a que venham com ousadia ante o trono de Deus onde Cristo, nosso Sumo Sacerdote está agora fazendo aplicação de Seu sacrifício por nós (Heb. 10:19-22). A missão de reconciliação da igreja, portanto, jamais é completada só com a proclamação. Ela precisa reclamar decisão da parte do ouvinte, decisão essa de apropriar-se pela fé dos benefícios da obra de Cristo (II Cor. 6:1).

Conquanto não possamos explicar claramente a natureza da ministração sacerdotal de Cristo, tem-nos sido revelado o suficiente para estarmos seguros de que Ele é nosso *intercessor* (Rom. 8:34; Heb. 7:25). Certamente, esta obra intercessória de Cristo em favor do homem é tão essencial para realizar sua missão de restauração e reconciliação como foi Sua morte na cruz. A igreja não pode mostrar-se negligente com relação a este aspecto de sua missão, também. Missão, pois, inclui sempre o chamado para arrependimento (Atos 2:37-39), para andar em novidade de vida que vem como resultado de passar o homem a ter a mente de Cristo, assim que nos é possível estar diante de nosso Deus e Pai, como santos e incontaminados quando Jesus vier (I Tes. 1:9 e 10; 3:13; 4:16 etc.). Isto torna o ensino de padrões de comportamento, disciplina e obediência à lei de Deus, parte essencial da missão da igreja. Esses padrões de comportamento devem ser elaborados e apresentados de tal maneira que possam ser aceitos como verdade e uma resposta cessária do evangelho de Cristo. Disciplina deve ser entendida como nutrimento do discipulado e obediência à santa lei de Deus como fruto do novo relacionamento com o Senhor. É Cristo operando em nós, de modo que não continuamos no pecado (I S. João 4:9-21; 5:1-5).

### A Obra de Julgamento de Cristo

c. A missão de Cristo no santuário celestial — e por meio de Sua igreja — não durará para sempre (Atos 3:21). A missão da igreja conduz à volta de Cristo, quando o reino de Deus será completamente restaurado. Este é o terceiro e último ato de Cristo, no qual a igreja é chamada a participar: a obra do julgamento.

Nas Escrituras esta obra de julgamento não é um acontecimento novo ou sombrio, isolado das outras atividades missionárias de Cristo. Cristo não disse que fora enviado ao mundo para juízo (S. João 9:39)? O significado dessas palavras é claro: Cristo tinha vindo para res-

taurar a vista aos cegos, alimentar os famintos, libertar os cativos e fazer justiça aos oprimidos. Com Ele viera toda uma nova ordem, ordem que não era deste mundo. Mas naturalmente, Suas leis e princípios estão em grande desarmonia com a ordem existente, em que o egoísmo e a ilegalidade predominam, sendo que os ricos e os orgulhosos estão no controle. Para estas pessoas a restauração do divino reino é um acontecimento terrível (S. Lucas 1:52 e 53). Disse Jesus: "Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso" (S. João 12:31). E foi julgado o mundo e o seu príncipe — na cruz. Mas embora o juízo começasse na cruz, não terminou aí, como alguns crêem. A hora do juízo, quando a discriminação entre os que têm fé em Jesus e os que recusam obedecer a Sua Palavra, torna-se final, não o foi então (Atos 24:24; II Cor. 5:10; Heb. 9:27; II S. Pedro 2:4). Mas, este final julgamento é a consequência direta da encarnação, morte e ressurreição de Cristo.

Por sua resposta à Luz, ao Caminho e à Verdade, os homens declaram e pronunciam o seu próprio julgamento (S. João 3:18-21). A missão cristã conduz sempre a tal discriminação (*krisis*) entre os que crêem em Cristo e guardam os Seus mandamentos e os que não o fazem. A missão da igreja não é cumprida quando ela meramente proclama e anuncia. Devemos instar com as pessoas a que se arrependam e se afastem de seus pecados e ponham sua fé em Cristo (II Cor. 5:10; Rom. 2:6; I S. Pedro 1:17). Quanto mais nos aproximamos do fim dos tempos, mais claro e mais definido se tornará este processo seletivo ou discriminatório (S. Mat. 13:36-43). A aceitação de Cristo ou a rejeição do Seu amor serão finais. É surpreendente quão pouca atenção se tem dado a este aspecto da missão de Cristo, seja no setor missionário seja na literatura teológica; e contudo a Escritura tem muito que dizer sobre isto. O julgamento final é um aspecto essencial e inalienável da missão de Cristo, e um dos mais fortes incentivos para nossa atividade missionária nestes últimos dias.

### O Juízo no Novo e no Velho Testamentos

Tanto o Novo como o Velho Testamentos fazem referência à atividade do juízo por nosso Sumo Sacerdote no Céu. No livro de Hebreus encontra-se um relato detalhado do serviço de Cristo, que culmina na total purificação e consagração do povo de Deus. Depois deste "afastamento do pecado" Cristo aparecerá a segunda vez, para trazer salvação "a todos que esperam por Ele" (Heb. 9:26-28). Esta atividade de Cristo justo antes do Seu retorno, nominalmente a eliminação do pecado e a final discriminação

entre os justos e os pecadores, é também atestada por Pedro em Atos 3:19-22, e pelas parábolas de Cristo (S. Mat. 18:23-25; 22:1-14). No ritual do dia da expiação outro quadro claro emerge da obra final de nosso Sumo Sacerdote (Ver Levíticos 16). O profeta Daniel descreve as atividades finais no Céu como uma cena de julgamento (Dan. 7:9 e 10), e outros profetas, como Joel e Zacarias, descrevem a cena a sua própria maneira. Mas isto é bastante claro: Há uma hora de juízo (Apoc. 14:7), o que está levando a missão de Cristo a um final, bem como ao final a missão da igreja. A sentença é tornada pública — o profeta diz que os livros foram abertos — para os milhares e milhares de seres. Isto significa que é um resultado final. Não mais pode ser mudado. Todos os que se arrependeram de seus pecados e pela fé reclamaram o sangue de Cristo como seu sacrifício expiatório, têm o perdão diante dos seus nomes nos livros do Céu. Ao se tornarem participantes da justiça de Cristo, e ser o seu caráter achado em harmonia com o caráter e propósito de Deus, seus pecados são apagados, e eles serão contados como dignos da vida eterna. Os que rejeitaram a Cristo morrerão em seus pecados, sendo destruídos juntamente com a morte e o diabo.

8. *Tempo profético indica que esta fase final da missão de Cristo já começou.* Agora é o tempo em que a missão de Deus está sendo cumprida. Estamos vivendo em tempo emprestado. É a missão de Cristo por meio de Sua igreja na Terra que impede que as paredes da História caiam.

Esta última fase da obra de Cristo no santuário celestial propiciou um despertar missionário na Terra como não se tem visto igual desde o início da igreja. Em toda parte do mundo cristão, novas sociedades missionárias vieram à existência; milhares e milhares de missionários deixaram as praias da América do Norte e da Europa, e passaram a relatar conversões em massa nos lugares para onde foram. Esta vasta e rápida expansão missionária é evidência de que o próprio Cristo é o Missionário-Chefe. Por intermédio de Seus delegados na Terra é Sua missão levada a cabo. Ora, não cometamos nenhum engano aqui; o tremendo reavivamento e despertar evangélico, a expectativa universal da breve vinda do Rei, e o súbito surgimento de sociedades missionárias — tudo característica da primeira metade do século dezenove — não foram meramente fruto, fatores econômicos ou psicológicos como muitos procuram crer. São o resultado direto da obra de Cristo. Toda missão tem nEle sua origem. Ele é Aquele que envia. Ele motiva as pessoas e opera nelas, inspirando tanto a vontade como a ação em Seu próprio povo escolhido (Fil. 2:

13). E este propósito é claro: levar a missão a um final e restaurar o reino.

### **Surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia**

Foi a convicção de que Cristo havia entrado na Sua última fase de missão, para nominalmente promover a restauração de todas as coisas através de Sua obra de juízo, que trouxe à existência a igreja adventista do sétimo dia, agora o mais vasto movimento missionário protestante no mundo. Este povo crê que Deus o chamou para participar da própria missão de Cristo de preparar o mundo para Sua iminente volta. Sua missão é apresentar o evangelho de tal maneira, num enfoque tão compreensivo, que toda pessoa na Terra veja a Cristo como o seu Salvador, seu Senhor e seu Juiz, e então se prepare para Sua breve volta. Isto não quer dizer o ensino de um punhado de doutrinas, mas uma missão de restauração: a restauração da imagem de Deus no homem e o afastamento do pecado; a restauração da santa lei de Deus e de todo princípio do Seu reino; a vindicação da soberania de Deus e a derrota de todo mal, da rebelião e da impiedade.

Não há lugar aqui para trivialidades. Esta missão requer que a igreja vá a toda parte do mundo e impele os crentes a cruzar fronteiras: sociogeográficas, culturais, políticas e religiosas. A Igreja Adventista do Sétimo Dia não insiste que somente por meio de seu testemunho que Cristo pode fazer-Se conhecido, mas ela não pode deixar para outros o testemunho para o qual ela foi chamada. Os adventistas “reconhecem toda instrumentalidade que exalte a Cristo perante os homens como parte do plano divino para a evangelização do mundo,” mas desejam ao mesmo tempo dar livremente o seu testemunho, e abertamente, ao mundo.

Em sua missão a igreja deve evitar tanto um erroneamente concebido confessionalismo como um erroneamente concebido ecumenismo. Um erroneamente concebido ecumenismo, que procura unidade de testemunho sem clara afirmação da Palavra de Deus, como é proclamado presentemente, convida à confusão e posterior fragmentação. Leva a igreja à desobediência. Um erroneamente concebido confessionalismo apega-se a uma particular confissão por nenhuma outra razão que tradições humano-eclesiásticas, sem franqueamento para a sempre dinâmica Palavra de Deus, que é nossa única fonte de verdade. A igreja de Deus permanece em constante necessidade de exame crítico de si mesma, franqueamento da Palavra de Deus e para o mundo, a fim de assim cumprir o papel de serva de Cristo em missão. ●

# OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



## IMORTALIDADE INATA, OU CONDICIONAL?

(Conclusão)

### PERGUNTA 40

#### VI. Partir, e Estar com Cristo

Muito freqüentemente, quando apresentamos os pontos aqui expostos, citam-nos as palavras do apóstolo Paulo, acerca de partir e estar com Cristo. Se os santos não vão para o Céu ao morrer, que quereria o grande apóstolo dizer quando, referindo-se a si mesmo, diz especificamente que tem “o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Filip. 1:23)? É claro que o melhor é estar com Cristo. Mas impõe-se a pergunta: Por que concluiríamos, dessas palavras, que o apóstolo esperava, imediatamente após a morte, comparecer à presença de Cristo? A Bíblia não diz isso. Afirma simplesmente o seu desejo de partir, e estar com Cristo.

Poderá alguém arrazoar que a passagem dá margem para deduzir que o estar com Cristo se seguiria imediatamente a sua partida. Temos, porém, que admitir que não é essa uma dedução necessária, e de modo algum é uma declaração positiva do texto. Nessa passagem Paulo não nos diz *quando* ele estará com o Senhor. Em outros lugares usa ele uma expressão semelhante a um pensamento expresso nessa passagem. Diz, por exemplo: “O tempo da minha partida é chegado” (II Tim. 4:6). O termo grego empregado nesses dois textos, *analuó*, não é muito usado no Novo Testamento grego, mas a palavra tem o sentido de “desamarrar-se como uma âncora.” É uma metáfora tirada do ato de livrar das amarras um barco, antes da partida. (Ver W. E. Vine, *Expository Dictionary*, Vol. 1, págs. 294 e 295.)

Note-se que Paulo não diz que sua alma ou espírito iriam partir. Diz simplesmente que tinha um desejo, e que o tempo de sua partida havia chegado. Este é o modo com que se expressaria qualquer pessoa em vésperas de em-

prender uma viagem. Ao chegar o tempo da partida, a pessoa parte, *integralmente*. Não há separação entre corpo e alma. Por que mudar este conceito, logo que pensemos em morte?

Há uma ocasião em que Paulo poderá partir e estar com o Senhor, integralmente — corpo, espírito e alma — e isto será na ocasião da *vinda do Senhor*. É o que ele acentua em I Tess. 5:23. Então, corpo, alma e espírito — ele, e todos os remidos, hão de, ou ressurgir dos sepulcros para ir ao encontro de Cristo, ou, estando vivos, ser trasladados e ir ao encontro do Senhor, nos ares. Isto será na ocasião de Sua gloriosa segunda vinda, quando vier buscar os Seus santos. Este é o conceito que mantemos, e cremos estar em plena harmonia com os ensinamentos da Sagrada Escritura.

#### VII. Ausente do Corpo — Presente com o Senhor

Há outra expressão, em II Cor. 5:8, que muitas vezes se emprega, ao considerar este assunto. Eis a declaração do apóstolo: “Entretanto estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor.” Temos de reconhecer não existir neste texto coisa alguma que justifique a conclusão de que “habitar com o Senhor” ocorra imediatamente depois de “deixar o corpo.” O texto não diz *quando* isso se há de realizar. Reconhecemos, simplesmente, o intervalo da morte entre os dois acontecimentos. Isto é exatamente tão lógico como crer que um siga imediatamente ao outro, e é mesmo mais lógico, à luz do que o mesmo apóstolo ensina acerca da ressurreição, quando da segunda vinda de nosso Senhor. Observemos a passagem toda e notemos seus óbvios ensinamentos.

1. REFERÊNCIA À CASA TERRESTRE.  
— Evidentemente referindo-se ao corpo, escreve

Paulo em II Cor. 5:1 da "casa terrestre." No v. 2, então, diz que "neste tabernáculo gememos." Chama a essa "casa" ou "corpo", um tabernáculo. Afirma, no v. 6 que, "enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor."

**2. REFERÊNCIA À CASA CELESTIAL.** — Referindo-se ao futuro estado, Paulo fala de um "edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos Céus" (v. 1), e diz que essa é "nossa habitação celestial" (v. 2). Quando se der a transformação, e nos revestirmos da imortalidade, observa ele que isso se dará para que "o mortal seja absorvido pela vida" (v. 4). Então, é por ocasião da ressurreição, concluímos nós, que Paulo esperava "habitar com o Senhor" (v. 8), pois diz ele, em I Cor. 15:53, que por ocasião da segunda vinda de Cristo, "o corpo mortal" se revestirá "da imortalidade."

**3. REFERÊNCIA AO PERÍODO INTERMEDIÁRIO.** — Que o apóstolo tivesse em mente um período intermediário entre a vida na "casa terrestre" e o revestir-se da casa "eterna, nos Céus," é evidente do que ele menciona na mesma passagem. Note-se o seguinte: Não desejamos ser encontrados "nus" (II Cor. 5:3); não estamos ansiosos por ser "despidos" (v. 4). Esse período intermediário cremos ser o estado da morte. O que realmente desejamos é "ser revestidos da nossa habitação celestial" (v. 2; comparar com o v. 4).

É em relação com isso que ele declara que o mortal será "absorvido pela vida" (v. 4). Assim a passagem toda, considerada cuidadosamente, torna claro o que o apóstolo tinha em mente. Está pensando, não na morte, mas no dia da ressurreição, quando "este corpo corruptível" se revestirá "da incorruptibilidade" e "o corpo mortal" se revestirá "da imortalidade." (I Cor. 15:53.)

Isto mostra a importância de um cuidadoso estudo do contexto, a fim de chegar a uma exegese sábia de uma passagem da Escritura.

### VIII. Apropriada Palavra de Advertência

Toda precaução foi tomada por nosso benéfico Criador, no princípio, para que não houvesse um pecador imortal. Tinha o homem livre acesso à árvore da vida. Ao pecar, porém, foi-lhe negado esse acesso. Não podia por mais tempo colher seu fruto maravilhoso. Foi banido do Jardim do Éden (Gên. 3:24). E por quê? "Para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente" (v. 22). Daí, é evidente que Deus nunca pretendia que existisse um pecador imortal. A imortalidade só é prometida aos pecaminosos homens sob condição de terem sido salvos pela graça e viverem em comunhão com Deus.

Satanás, por outro lado, é o autor responsável da doutrina de que o pecador há de viver para

sempre. Encontramo-lo isto dizendo a Eva, por ocasião da queda. Deus dissera: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gên. 2:17). O diabo, porém, contradisse abertamente a Deus, dizendo: "Certamente não morrereis" (Gên. 3:4). No hebraico a expressão é mais forte ainda: "É certo que não morrereis."

Matthew Henry, comentando este passo, observa com muito acerto: "Isso foi uma mentira, rematada mentira; pois ... era contrário à palavra de Deus." Infelizmente o ensino de que o pecador não morrerá — em outras palavras, que viverá para sempre, independente de qual seja o seu caráter — tem, é claro, sua origem naquele que é "mentiroso, e pai da mentira" (S. João 8:44). O Salvador disse não só que o maligno é "mentiroso," mas também "homícida desde o princípio." Referia-Se evidentemente ao caso que acabamos de citar.

Outra advertência convém considerar. Falando em nome de Deus, devemos ter cuidado em não dar ao pecador a impressão de que ele possa obter a vida eterna sem se voltar para Deus, arrependido de seus pecados, e tornando-se nova criatura em Cristo Jesus. A vida eterna é dom de Deus (Rom. 6:23; I S. João 5:12).

Há muitos anos, o profeta Ezequiel se referiu a alguns contemporâneos seus, homens que eram falsos profetas, que andavam a enganar o povo. Esses enganadores, disse Ezequiel, prometem vida ao pecador, mesmo que ele continue em Sua iniquidade (Ezeq. 13:22). Damos graças a Deus por isso que o cristão pode dirigir-se a um mundo a perecer em seus pecados e levar-lhe o maravilhoso oferecimento de vida e salvação por Cristo, nosso bendito Senhor. Podemos proclamar a plenos pulmões que, se os homens O aceitarem, volvendo-se a Deus, nascendo de novo, obterão a "vida eterna." Esta é a mensagem de S. João 3:16: "... que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." É este um oferecimento inefável, mas devemos também lembrar-nos sempre de que aquele que não crê no Filho "não verá a vida" (S. João 3:36). ●

#### Mudou de Endereço?

Para que não se interrompa a remessa de O Ministério Adventista, envie-nos o seu novo endereço. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome .....

Endereço anterior .....

Novo Endereço .....

Envie a Casilla 286, Montevidéu, Uruguai. Associação Ministerial.